

lhes inspiram confiança e lhes possibilitam aprender a se auto-realizar e interagir com os pares e com a comunidade em geral. Os adultos, no caso os educadores, devem propiciar experiências para que as crianças desenvolvam suas competências; oportunidades/chances para que possam pôr em uso tais competências; e demonstrar cuidado/zelo, de modo que as crianças sintam-se valorizadas como membros importantes da sua sala de aula e de sua escola.

O ler e o escrever nas áreas de línguas estrangeiras

A construção de significados e de estilos de expressão da própria individualidade, através de uma outra língua/linguagem - a da língua estrangeira -, reforça a tese da relevância do ensino de uma segunda língua como *instrumento/ferramenta sócio-cultural* e não como um fim em si própria, para que o aluno faça um melhor sentido do seu dia-a-dia na sua cultura de origem, ao mesmo tempo em que passe a cultivar uma "... percepção positiva da sua própria cultura e da cultura do outro: o sensibilizar-se interculturalmente" (Matos, 1994, p.17-8). Ler e escrever, em uma segunda língua, portanto, devem possibilitar ao estudante ampliar sua autonomia discursiva e seu domínio de conhecimentos, bem como sua percepção de cidadão que, ao apropriar-se dessa nova língua/linguagem e dessa nova cultura, passa a ter uma visão de mundo social ampliada, denominada por Paiva (1996, p.105) de "cidadania ampliada".

Nessa percepção, ler e escrever em língua estrangeira devem ser entendidos como processos de aprendizagem, de desconstrução e de reconstrução pelo próprio aluno, em que o objeto a ser apreendido é uma nova cultura, uma nova visão de mundo, uma nova forma discursiva e não meramente um código formal lingüístico a ser memorizado, totalmente distanciado de sua subjetividade.

Por conseguinte, a leitura em língua estrangeira não deve ser entendida como atividade passiva de decodificação de vocabulário ou de idéias específicas (o mito do "só entendo o texto se posso traduzi-lo palavra por palavra e se me torno bilíngüe na cultura-alvo"), mas como um processo dinâmico de desenvolvimento e implementação de estratégias como inferência, autopredição, autoquestionamento, onde, na verdade, o verdadeiro significado do texto cada leitor irá imprimir, baseado nas suas expectativas e vivências e no seu conhecimento prévio sobre o assunto. A visão mais corrente hoje, a partir de pesquisas na área

da análise do discurso (Orlandi, 1988), por exemplo, é a de que "... cada leitura é única e que o texto é um conjunto de sinais gráficos e o sentido é criado a cada nova leitura, possibilitando ao aluno que perceba sua ligação com outros textos e com outras leituras do mesmo texto..." (Grigoletto, 1992, p.44). O que se busca é um leitor intercultural, crítico e imaginativo e não meramente lógico-matemático.

"Ser humano é ser contador de histórias"

Sylwester (1995, p.105) afirma que "... ser humano é ser contador de histórias..." e que, do ponto de vista neuronal, faz parte da natureza biológica e ambiental do cérebro humano o *contar histórias*. Perguntar a uma criança qual é a idéia central do texto/ história (o que se denomina de *gist* da história) é o que deve ser sempre enfatizado, ao invés de pedir-lhe que localize informações, palavras e/ou estruturas no texto (a técnica de *scanning* ou de localizar informação específica no texto). Dias (1996, p.143) também salienta que "... começamos a incorporar o esquema narrativo (narrative[story] schema) às nossas estruturas cognitivas desde os nossos primeiros contatos com as histórias da nossa infância".

Conseqüentemente, o saber ler e o saber escrever são ferramentas socioculturais fundamentais que possibilitam ao aluno ser um melhor ou pior contador de histórias, principalmente quando "transita" entre duas culturas distintas, buscando melhor entender suas próprias raízes culturais. Nesse sentido, certos mitos e crenças carecem de ser revistos, em especial o de que "... ser falante de uma outra língua é ser bicultural..." (Moita Lopes, 1996, p.39) o que certamente tem levado à desconstrução do sujeito, a tornar nossos alunos "invisíveis" frente ao poder de uma cultura imposta, ao invés de promover sua auto-imagem (Paiva, 1997). Na verdade, o que devemos estimular nas crianças é o seu potencial para transitar em diferentes culturas o que Irvine (1998, p.5) denomina de "... alternância de códigos culturais..." (*cultural code switch*) sem que venha a perder ou afetar a sua própria identidade, os seus referenciais culturais.

Implicações para o ensino da leitura em língua estrangeira

Diante dos novos desafios que as diferentes ciências do conhecimento nos colocam, o ensino da leitura em língua estrangeira deve-